

CORAÇÃO DE POMBAGIRA

Reginaldo Prandi¹

Resumo: Pombagira é talvez a mais controversa entidade espiritual das religiões afro-brasileiras. Entidade originada na quimbanda, é cultuada hoje na maioria dos terreiros de Umbanda e grande parte dos de Candomblé e outras modalidades religiosas de origem africana. Neste artigo, Pombagira é apresentada por meio de uma história ficcional baseada em suas inúmeras lendas. Num segundo momento, procura-se interpretar seu significado à luz das carências de uma sociedade como a brasileira.

Palavras-chave: Pombagira; Quimbanda; Umbanda; Candomblé; Religiões Afro-Brasileiras.

Abstract: Pombagira is perhaps the most controversial spiritual entity of the Afro-Brazilian religions. Originated in Quimbanda, she is worshiped today in the majority of the terreiros of Umbanda and great part of the ones of Candomblé and other religious modalities of African origin. In this article, Pombagira is introduced by means of a short-story, a work of fiction based on her innumerable legends. After that presentation, it is looked to interpret its sociological meaning to the Brazilian society.

Key-words: Pombagira; Quimbanda; Umbanda; Candomblé; Afro-Brazilian Religions.

Apesar de sua beleza exuberante e da inteligência rara, Elisa se achava uma mulher sem sorte na vida. Vivia infeliz. Era como se tivesse nascido com uma maldição, assim ela se sentia: todos que a cercavam, todos a quem amava pareciam sofrer com ela. Isso desde menina, órfã criada sem amor, adolescente

¹ Reginaldo Prandi, sociólogo e escritor, é professor titular de sociologia da Universidade de São Paulo, aposentado, e pesquisador I-A do CNPq.. Entre seus mais de trinta livros publicados estão *Mitologia do orixás*, *Os candomblés de São Paulo* e *Segredos guardados*; os infanto-juvenis *Os príncipes do destino*; *lfá*, *o Adivinho*; *Xangô*, *o Trovão*, *Oxumarê*, *o Arco-Íris*; *Minha querida assombração*; *Jogo de escolhas*; e *Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo*; e o romance policial *Morte nos búzios*. Professor Permanente da Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.

assedida por quem recebia salário do governo para cuidar dela e das outras crianças igualmente desamparadas. Mulher feita, seu sexo parecia ter veneno, secava seus homens.

Enfim casou-se, mas o marido servia-se de putas, temeroso do corpo da esposa, que, apesar de tudo, amava e desejava como a mais ninguém. Penetrou-a uma só vez e foi aos céus com o prazer que tirou daquela carne. Mas nunca mais conseguiu outro orgasmo com Elisa. Seu desejo era tremendo, mas seu corpo de macho frustrado não correspondia com a necessária ereção. “Freud explica”, consolou o amigo mais íntimo a quem conseguiu com muito esforço expor sua miséria. Elisa sabia do desespero do esposo, mas não ousava confessar-lhe que ele se casara com uma mulher maldita. E sofria ainda mais pelas dores do marido, que a acusava de rejeitá-lo e batia nela com frequência.

Mas nem tudo era sofrimento. Daquela primeira e única vez nasceu Vitória. Linda como a mãe, a menina cresceu cheia de saúde até os sete anos. Era a única alegria do casal.

Depois dos sete anos, Vitória começou a definhar. “É a maldição!”, Elisa se culpava. O marido se enterrou de vez nos puteiros da cidade, onde ia chorar sua desventura no colo da putas.

Todas as especialidades médicas foram consultadas, todas as promessas feitas foram pagas, todas as rezas foram repetidas milhares de vezes. Depois chegou a vez das cartomantes e benzedadeiras, médiuns e videntes, pastores e profetas. Nada. A saúde da menina continuava a decair sem que se chegasse a nenhum diagnóstico, fosse médico, fosse mágico.

Elisa foi levada finalmente por uma amiga à casa de mãe Júlia, famosa mãe de santo quimbandeira da periferia, feiticeira de mão-cheia, capaz de resolver até os problemas que ainda não existiam, conforme diziam seus seguidores.

“É o seu coração, minha filha”, disse a mãe de santo a Elisa depois de consultar búzios e espíritos. “Você nasceu com a beleza de Oxum, o brilho de Oxalá, a vontade de vencer de Ogum, a sensualidade de Iansã, a majestade de Xangô. Mas seu coração, minha filha... aí está o problema”.

Elisa cravou a unhas na tábua da mesa.

“Você tem um coração de Pombagira”.

Explicou que a vida recatada de Elisa, seu senso de pudor, sua modéstia, a repressão de costumes que ela mesmo se impunha, a falta de interesse pelo sexo, tudo isso era contra seu destino, aprisionava seu coração, a impedia de viver a vida para a qual nascera. A salvação, a cura, a redenção — dela e dos seus — tinha uma só receita: “Liberte seu coração, minha filha. Deixe Pombagira viver”.

Ali mesmo, naquele dia e hora, sem saber como nem por quê, Elisa se deixou possuir por três homens que, no terreiro, tocavam os tambores: um bran-

co, um negro, um mulato. Foi com cada um mais de uma vez, foi com os três de uma vez só. Elisa sentiu-se leve pela primeira vez em sua vida. Um sentimento diferente daquele que tomava conta dela quando pensava em sua filhinha. E foi pensando nela que voltou correndo para casa, exausta mas em paz.

Encontrou a menina melhor, muito melhor. Andava pela casa e sorria, pedia comida, queria brincar.

No dia seguinte, Elisa voltou à casa da mãe de santo. “Seu caminho é longo ainda”, mãe Júlia disse. Depois a abençoou e lhe deu um endereço no centro da cidade. Era um local de meretrício, que Elisa passou a frequentar todas as tardes, deitando-se com quantos quisessem pagar por isso. A cada dia voltava para casa mais esperançosa, a cada dia a menina ganhava mais saúde. Estavam salvas — as duas.

Para preservar a honra do marido, Elisa se vestia de cigana, disfarçava-se, cobria ligeiramente o rosto com um véu. O mistério tornava tudo muito mais excitante. A clientela crescia. O marido soube da nova prostituta que desbancara todas as outras meretrizes da cidade. Quis experimentar. Pagou em dobro para ser o primeiro da tarde. Finalmente o prazer que Elisa lhe dera uma única vez, anos atrás, foi superado. Seria escravo da Cigana se ela assim o desejasse, daria sua vida por ela. Mas a Cigana nunca mais quis recebê-lo. A insistência dele foi inútil. “Um dia te mato na porta do cabaré”, ele a ameaçou, ressentido e enciumado.

Elisa deixava o cabaré, como chamavam a casa das putas, no fim da tarde, quando o escuro da noite que descia já escondia seus passos. E num dia, de fato, ele esperou por ela na porta do cabaré e, na penumbra, lhe deu sete facadas. No chão, ensanguentada, caiu já quase morta. Então ele viu, numa réstia de luz, o rosto desvelado da Cigana. O enfarto que o matou ali mesmo lhe deu tempo apenas de dizer: “Eu te amei, eu te matei!”.

Longe dali, no terreiro de mãe Júlia, os tambores soavam um ritmo arrebatador. As filhas e os filhos de santo giravam alucinados na roda, esperando a incorporação de suas entidades. Era uma gira de quimbanda. Exus e Pombagiras seriam bem-vindos. Os clientes, que lotavam a plateia, esperavam sua vez de falar de seus problemas e resolver suas causas. As entidades foram chegando, uma a uma, o ambiente se encheu de gargalhadas e gestos obscenos. O ar cheirava a suor, perfume barato, fumaça de tabaco, cachaça e cerveja. O ambiente vermelho e preto ficava mais pesado a meia-luz. A força invisível da magia ia se tornando mais espessa, quase podia ser tocada.

Cada entidade que chegava no transe cantava sua cantiga, sua marca registrada, sua identidade. Todos já estavam incorporados, menos uma filha de santo que estava se iniciando e ainda não entrava em transe.

De repente, também ela incorporou uma Pombagira, que se aproximou com determinação dos atabaques e cantou versos que até então ninguém da casa conhecia. A cantiga dizia:

*Você disse que me matava
na porta do cabaré
Esperei até de noite
e você não me matou
Só me deu sete facadas
mas nenhuma me pegou
Sou Pombagira Cigana
aquela que você amou
Cigana das Sete Facadas
aquela que te matou.*

Mãe Júlia correu para receber a Pombagira, abraçou-a e lhe ofereceu uma taça de champanhe. “Seja bem-vinda, minha senhora. Seu coração foi libertado”, disse a mãe de santo, se curvando. Pombagira Cigana das Sete Facadas retribuiu o cumprimento e, gargalhando, se pôs a dançar no centro do salão.

II

Essa é uma história de ficção, mas poderia não ser. É baseada em relatos que ouvi durante anos de pesquisa em terreiros de umbanda e candomblé e que estão também registrados na literatura religiosa e científica que trata dos Exus e Pombagiras, que inclui também outras modalidades afro-brasileiras, sobretudo o batuque que, do Rio Grande do Sul, se espalhou por países vizinhos e outros mais além.¹ Pombagiras são espíritos de mulheres, e cada uma delas tem sua biografia mítica, que é mais ou menos divulgada entre seus devotos e clientes, em geral histórias muito fragmentadas. Usei a ficção justamente para reunir numa só história elementos essenciais na construção dessa entidade da umbanda, hoje cultuada em diferentes religiões afro-brasileiras, no Brasil e em outros países. Na composição mítica de Pombagira nunca falta sexo, dor, desventura, infidelidade, transgressão social, crime.

Mas quem é Pombagira?

Antes de mais nada, Pombagira é um Exu de umbanda, ou melhor, um Exu-mulher, como ela mesma gosta de ser chamada. Na concepção umbandista, Exu é um espírito do mal, um anjo decaído, um anjo expulso do céu, um demônio, enfim. De Pombagira se diz também ser mulher de demônios e morar no inferno e nas encruzilhadas. Mas afirmar somente isso é simplificar demais as coisas².

Há muita confusão em torno das palavras Exu e Pombagira. O próprio termo “Exu” pode referir-se a entidades e divindades com *status* religioso diferenciado. Pelo menos quatro pontos merecem esclarecimento:

1) O Exu da umbanda é diferente do orixá Exu cultuado no candomblé, no batuque e em outras religiões afro-brasileiras tradicionais. Na umbanda é o espírito de um morto; no candomblé e no batuque de nação, um espírito divinizado, um orixá. Os orixás são divindades identificadas com elementos da natureza (o mar, a água dos rios, o trovão, o arco-íris, o fogo, as tempestades, as folhas etc.) e aspectos da vida social (justiça, riqueza, amor, vida conjugal etc.);

2) No candomblé nagô (iorubá), Exu é o nome do orixá mensageiro entre o mundo dos homens e o dos orixás. No candomblé jeje (fon) é chamado Legba ou Elegbara. No batuque é mais conhecido pelo nome de Bará. Nos candomblés congoleiros e angolanos (bantos), um dos nomes de Exu, o orixá mensageiro, é Bombogirá (Bambojira), do qual Pombagira certamente é uma corruptela. Com o tempo, esse nome acabou por se restringir à qualidade feminina de Exu (tipicamente banta);

3) Na América os orixás foram sincretizados com Jesus, Nossa Senhora e diversos santos católicos. Várias características de Exu propiciaram sua sincretização com o diabo católico: sua representação material de formato fálico, suas ligações com a sexualidade, sua condição de *trikster*, sua suposta falta de caráter³;

4) Mais tarde, com o surgimento da umbanda, Exu passou a designar dezenas de espíritos de seres humanos que em vida tiveram uma biografia socialmente marginal. A umbanda fortaleceu a identificação dos Exus com o diabo, mas a própria ideia de diabo sofreu mudanças importantes no imaginário umbandista. Os Exus podem ser masculinos ou femininos, mas a palavra Pombagira se aplica precisamente no caso do espírito de uma mulher.

Em suma, o candomblé, o batuque e o xangô são religiões de orixás e Exu é seu orixá mensageiro, podendo ter outros nomes. A umbanda é religião de caboclos, pretos-velhos e outros espíritos, reunidos em falanges comandadas pelos orixás, contando também com falanges de Exus e Pombagiras, que não se misturam com aqueles, e que não são orixás. Hoje, em qualquer lugar, não é difícil, contudo, encontrar sacerdotes chefes de terreiros que juntam elementos do candomblé ou do batuque com elementos da umbanda, selecionando esse ou aquele aspecto que lhe pareça mais expressivo, formando-se uma enormidade de variantes religiosas.

Do ponto de vista moral, as religiões tradicionais afro-americanas não fazem distinção entre o bem e o mal, no sentido judaico-cristão. Seu sistema de moralidade baseia-se na relação estrita entre homem e orixá. Essa relação é de caráter propiciatório e sacrificial. A relação dos homens entre si, no sentido da formação de uma comunidade, em que o bem do indivíduo está inscrito no bem coletivo, tem importância secundária. O bem e o mal são faces da mesma moeda.

Por outro lado, a umbanda, que reteve forte herança cristã-kardecista, preservou a noção de bem e mal como campos antagônicos, mas tratou de os separar em departamentos estanques. Assim, a umbanda se divide numa linha da “direita”, voltada para a manipulação de forças do bem e que “trabalha” com entidades espiritualmente “desenvolvidas” (caboclos, preto-velhos etc.), e numa linha da “esquerda”, também chamada *quimbanda*, que pode trabalhar com forças do “mal”, cujas entidades, espiritualmente “atrasadas” (Exus e Pombagiras) são associadas às do inferno católico. Essa divisão, contudo, pode ser meramente formal, funcionando como uma orientação classificatória estritamente ritual e com frouxa importância ética⁴.

As Pombagiras e seus companheiros Exus, que formam a quimbanda, ou a “esquerda” da umbanda, são espíritos mal-educados, despudorados, agressivos. Falam palavrões e dão estrepitosas gargalhadas. Pombagira é o espírito de uma mulher que em vida teria sido uma prostituta, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens com suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres. As Pombagiras usam trajes escandalosos nas cores vermelho e preto e uma rosa vermelha nos longos cabelos negros, exibindo trejeitos de prostituta, ora do bordel mais miserável ora de elegantes salões de meretrício, jogo e perdição. Pode exibir-se também como uma grande dama, fina e requintada, mas sempre uma dama da noite, uma cortesã pecadora. Por sua vez, os Exus são espíritos de bandidos, marginais e outros tipos sociais indesejáveis. Alguns gostam de se apresentar com as mãos em garras e os pés feitos cascos de animais satânicos. Vestem uma longa capa negra forrada internamente de vermelho e levam na mão um tridente de ferro.

Ainda que possam se mostrar elegantes e amigáveis, essas entidades nunca são inteiramente confiáveis e sempre acabam se revelando interesseiras. Exus e Pombagiras enfatizam sua natureza diabólica (pelo menos verbalmente) e fazem questão de demonstrar animosidade e desprezo por quem procura obter deles auxílio e proteção. Quem se acostuma sabe que é jogo de cena.

Pombagira pode também ser encontrada nos espaços não religiosos da cultura: nas novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia-a-dia.

Sobretudo entre as populações urbanas pobres, é comum apelar a Pombagira para a solução de problemas relacionados a fracassos e desejos da vida amorosa e da sexualidade, além de inúmeros outros que envolvem situações de aflição. Estudar os cultos de Pombagira permite-nos entender algo das aspirações e frustrações de largas parcelas da população que estão muito distantes de um código de ética e moralidade embasado em valores da tradição ocidental

cristã. Pois para Pombagira qualquer desejo pode ser atendido: não há limites para a fantasia humana. O mesmo vale para os Exus.

Na divisão de trabalho entre as entidades da quimbanda, Pombagira trata especialmente dos casos de amor, protege as mulheres que a procuram, é capaz de propiciar qualquer tipo de união amorosa ou erótica, hetero ou homossexual. Segundo Monique Augras, o sincretismo católico, que despojou Iemanjá de sua sexualidade e seu erotismo originais ao vesti-la com o modelo de conduta de Nossa Senhora, contribuiu decididamente para a caracterização de Pombagira. Os traços apagados em Iemanjá foi reaproveitados na composição de Pombagira⁵.

Pombagira é singular mas é também plural. Elas são muitas, cada qual com nome, aparência, preferências, símbolos, mito e cantigas particulares. Entre dezenas, as mais conhecidas são: Pombagira Rainha, Maria Padilha, Pombagira Sete Saias, Maria Molambo, Pombagira da Calunga, Pombagira Cigana, Pombagira do Cruzeiro, Pombagira Cigana dos Sete Cruzeiros, Pombagira das Almas, Pombagira Maria Quitéria, Pombagira Dama da Noite, Pombagira Menina, Pombagira Mirongueira, Pombagira das Sete Encruzilhadas e Pombagira Menina da Praia.

O caráter de entidade perigosa e feiticeira, com o que se deve tomar muito cuidado, qualifica Pombagira para trabalhar contra aqueles que são seus inimigos e inimigos de seus amigos. Ela considera seus amigos aqueles que a procuram necessitando seus favores e que sabem como agradecer-lhe e agradá-la. Deve-se presentear Pombagira com coisas que ela usa no terreiro, quando incorporada: tecidos sedosos para suas roupas nas cores vermelho e preto, perfumes, jóias e bijuterias, champanhe e outras bebidas, cigarro, cigarrilha e piteiras, rosas vermelhas, além das comidas e animais sacrificiais que nos habituamos a ver nos despachos deixados nas encruzilhadas, praias e outros locais, a depender do trabalho que se faz, sempre à luz das velas vermelhas e pretas.

Para ser amigo ou devoto de Pombagira é preciso ter uma causa pela qual ela possa trabalhar, pois é o feitiço que a fortalece e lhe dá prestígio. Pombagira, entretanto, não vive só de feitiços, ela não vem só para “trabalhar”. Em suas festas, Pombagira vem para se divertir, dançar e ser apreciada e homenageada, conforme o padrão do culto aos orixás. Um toque de Pombagira sempre tem um tom de festa e diversão, apesar do clima geralmente sombrio e das expressões de transe que procuram reproduzir estereótipos do baixo mundo, nem sempre de bom gosto.

III

Embora os Exus e as Pombagira sejam sincretizados com o demônio católico, no dia-a-dia dos terreiros este dado tem importância secundária. Esses diabos nem são tão maus, nem seu culto soa estranho para os fiéis. Ninguém se imagina fazendo alguma coisa socialmente errada ao invocar, receber em transe,

cultuar ou simplesmente interagir com Pombagira. Quando um devoto invoca um Exu ou uma Pombagira, dificilmente tem em mente estar tratando com divindades diabólicas que impliquem qualquer aliança com o inferno e as forças do mal. Na verdade, o que se observa é uma grande intimidade com os Exus, a ponto de os fiéis a eles se referirem carinhosamente como “os compadres”. Aliás, nunca estão interessados em “ganhar” a alma daqueles a quem favorece — como ocorre no imaginário cristão. Contentam-se com pequenos presentes, objetos materiais de consumo comum. São amistosos e domesticáveis, a ponto de se falar de uma categoria de Exus batizados, convertidos às forças do bem.

A ideia mais generalizada sobre Pombagira, é a de que se trata de uma entidade muito parecida com os seres humanos. Como mulher, teria tido uma vida passada que espelha certamente uma das mais difíceis condições humanas: a prostituição. Teria sido vítima de seu destino, como somos todos. Ninguém acreditaria que seus maus passos na vida tenham sido dados por prazer, por falta de vergonha, por vontade própria. Ao contrário, a coragem de aceitar sua condição de prostituta, de bandida, e de encarar a vida de frente foi sua maior virtude. Virtude de grande qualidade, como a virtude das santas. Pecadora e santa, difícil saber como separar uma da outra. Pois foi justamente sua triste condição de sua vida terrena que permitiu a ela o conhecimento e o domínio de uma das mais difíceis áreas da vida das pessoas comuns, que é a vida sexual e o relacionamento humano fora dos padrões de comportamento aceitos e recomendados socialmente. Assim, acredita-se que Pombagira é dotada de uma experiência de vida real e muito rica que a maioria dos mortais jamais conheceu, e por isso seus conselhos e socorros vêm de alguém que é capaz, antes de mais nada, de compreender os desejos, fantasias, angústias e desespero alheios.

Com Pombagira, assegura-se o acesso às dimensões mais próximas do mundo da natureza, dos instintos, das pulsões sexuais, das aspirações e desejos inconfessos. Seu culto revela esse lado “menos nobre” da concepção popular de mundo e de agir no mundo. Ora, as religiões afro-brasileiras são religiões que aceitam o mundo como ele é. Este mundo é considerado o lugar onde todas as realizações pessoais são moralmente desejáveis e possíveis. Cada um deve lutar para que seus desejos se realizem, pois é através da realização humana que os orixás ficam mais fortes. Sua força sagrada transformadora, o axé, cresce e eles, assim, podem nos ajudar ainda mais. O empenho em ser feliz não pode hesitar diante de nenhuma barreira, mesmo que a felicidade de um implique o infortúnio do outro, porque o mundo é assim! O código de moralidade dessas religiões, como já foi dito, dá mais importância à relação de lealdade e reciprocidade entre o fiel e suas divindades ou entidades espirituais, do que a dos homens entre si, como membros de uma comunidade humana unida e solidária.

Enquanto a religiões cristãs são consideradas repressoras e inculcadoras do sentimento de culpa e de pecado, as religiões afro-brasileiras são com frequência vistas como religiões liberadoras da personalidade — não se crê no pecado nem em premiação ou punição após a morte. Tudo acontece aqui, nesta vida. A vida é boa e deve ser levada com prazer e alegria. Não faz parte de seu ideário nem de suas práticas rituais o acobertamento e aniquilamento das paixões humanas de toda natureza, por mais recônditas e inomináveis que sejam elas. Na luta dos homens e mulheres que procuram a ajuda dos Exus e Pombagiras para a realização de seus anseios mais íntimos, Pombagira representa sem dúvida uma importante valorização da intimidade de cada um, pois para Pombagira não existe desejo ilegítimo, nem aspiração inalcançável, nem fantasia reprovável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, Monique. De Yjá Mi a Pomba Gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Candomblé, religião do corpo e da alma*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. P. 17-44.

CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.

PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. *BIB, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, nº 63, p. 7-30, 1º sem 2007.

TRINDADE, Liana. *Exu, poder e perigo*. São Paulo: Ícone, 1985.

NOTAS:

² Ver bibliografia em: PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. *BIB, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, nº 63, p. 7-30, 1º sem 2007.

³ Ver: PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996. P.139-158.

⁴ Ver: PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Cap.3.

⁵ Ver: CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.

⁶ Ver: AUGRAS, Monique. De Yjá Mi a Pomba Gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Candomblé, religião do corpo e da alma*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. P. 17-44.